



**PÛRNA**

INSTITUTO DE YOGA INTEGRAL  
E DESENVOLVIMENTO HUMANO

# **A SÍNTESE DO IOGA**

SRI AUROBINDO

PARTE I - CAPÍTULO 2

## **A AUTOCONSAGRAÇÃO (III de III)**

Compilação: Renan Leme | Transcrição: Elisangela Ribeiro

Uma concentração que culmine em uma realização viva e a sensação constante da presença do Um em nós e em tudo aquilo que percebemos é o sentido que, no Ioga, damos ao conhecimento e à busca do conhecimento. Não basta que nos consagremos a uma compreensão intelectual do Divino pela leitura das Escrituras ou por um esforço do raciocínio filosófico, pois no final de nossa longa labuta mental poderíamos saber tudo o que foi dito sobre o Eterno, possuir tudo o que foi pensado sobre o Infinito e, ainda assim, nada conhecer d'Ele.

Se quisermos tentar um Ioga Integral, é melhor começar com uma ideia do Divino que seja ela mesma integral. Não apenas devemos evitar a perspectiva religiosa sectária, mas também todas as concepções filosóficas exclusivas que querem fechar o Inefável em uma forma mental redutora. A concepção dinâmica ou sentido propulsor que melhor definiria nosso Ioga seria naturalmente a sensação de um Infinito consciente que abarca tudo, mas excede tudo. Nosso olhar deve sempre dirigir-se ao alto, à Unidade, ao Um livre, todo-poderoso, perfeito e beatífico, em que todos os seres vivem e se movem, e pelo qual todos podem encontrar-se e tornar-se um.

Esse Eterno nos aparece como uma Existência infinita, uma Consciência e Ananda infinitas. E porque é a fonte, base e constituinte de todas as existências e energias – ele é a própria substância de nosso ser, de nossa mente, vida e corpo, de nosso espírito e de nossa

matéria. O pensamento, ao concentrar-se nele, deve não só compreender intelectualmente que ele existe, o pensamento deve se tornar uma visão e ser capaz de encontrá-lo aqui, pois ele é o Habitante em todos, e de realizá-lo em nós mesmos.

Ele é a Existência única: o Deleite original e universal que constitui toda as coisas e as excede; ele é a Consciência única infinita que compõe toda as consciências e anima todos os seus movimentos; é o Ser único ilimitado que sustenta toda ação e toda experiência; sua vontade guia a evolução das coisas em direção ao próprio objetivo e plenitude delas, ainda irrealizados, mas inevitáveis. A ele o coração pode consagrar-se, aproximar-se dele como o Bem-Amado supremo, pulsar e mover-se nele como em uma doçura universal de Amor e um mar vivo de Deleite. Dele é a Alegria secreta que sustenta a alma em todas as suas experiências, e sustenta até mesmo o ego errante em suas provações e lutas, até que desapareçam todas as dores e todos os sofrimentos.

Em todos os nossos esforços para a ascensão, no início, o elemento inferior do desejo virá, naturalmente, misturar-se. Essa força de vida insaciável, essa alma de desejo em nós, deve, primeiro, ser aceita, mas só para que possamos transformá-la. Desde o início é preciso ensinar-lhe a renunciar a todos os outros desejos, para se concentrar na paixão pelo Divino.

Uma vez ganho esse ponto capital, é preciso ensinar-lhe a desejar não para si mesma separado, a alma de desejos não deve se fixar em nenhum ganho espiritual pessoal – mas na grande obra a ser feita em nós e nos outros, na ocorrência da alta manifestação do Divino no mundo, ela deve aspirar a cumprir uma Vontade mais vasta e maior e consentir em seguir uma direção menos interesseira e menos ignorante. Assim educado, o Desejo, esse grande e inquieto perturbador e atormentador do ser humano, e causa de todo tipo de tropeço, estará pronto para ser transformado em seu equivalente divino.

Uma vez que os três instrumentos mestres, o pensamento, o coração e a vontade possuem o objetivo de concentração e são possuídos por ele – a perfeição da mente, da vida e do corpo pode cumprir-se de maneira efetiva em nossa natureza transmutada.

Isso será feito não para a satisfação pessoal do ego, mas para que o todo de nosso ser possa constituir um templo digno da Presença Divina, um instrumento sem defeito para o trabalho divino. Pois esse trabalho só poderá ser feito quando o instrumento, consagrado e

aperfeiçoado, se tornar capaz de uma ação sem egoísmo – isso é, quando forem abolidos não o indivíduo liberado, mas o desejo e egoísmo pessoais.

Então nossas obras serão divinas, nossa mente e vida e vontade, consagradas ao Divino, serão usadas para ajudar a consumação em outros e no mundo, daquilo que foi realizado primeiro em nós – toda a Unidade, Amor, Poder, Liberdade e Força, o Esplendor e a Alegria imortal que podemos manifestar em um corpo, pois esse é o objetivo da aventura terrestre do Espírito.

O Ioga deve começar com um esforço em direção a essa concentração total, uma vontade constante e sem falha da consagração de tudo em nós ao Supremo é exigida de nós, uma oferenda de todo o nosso ser ao Eterno que é Tudo.

Nossa consagração ao Eterno encontrará sua perfeição na mente quando virmos constantemente o Divino n'Ele mesmo e em nós, e também em todas as coisas, em todos os seres e em todos os eventos. Encontrará sua perfeição em nosso coração quando todas as emoções forem reunidas no amor pelo Divino, em si mesmo e por Ele mesmo, e também no amor ao Divino em todos os seus seres e poderes e personalidades e formas no universo. Ela encontrará sua perfeição em nossa vontade quando sentirmos e recebermos sempre o impulso divino e o aceitarmos como nossa única força motriz, tendo destruído os impulsos divagantes da natureza egoísta nos universalizaremos e poderemos aceitar a ação divina única em todas as coisas. Essa é a primeira *siddhi* basilar do Ioga Integral.

É isso o que entendemos no final, e nada menos, quando falamos da consagração absoluta do indivíduo ao Divino. Mas essa totalidade de consagração só poderá ser obtida por um progresso constante, quando se completar sem resistência o processo longo e difícil de transformação do desejo [egóico] e sua extirpação da existência. Uma autoconsagração perfeita implica uma entrega perfeita.

Enquanto o ego operar em nós, nossa ação pessoal pertencerá, necessária e naturalmente, aos graus inferiores da existência: uma ação obscura ou semiacclarada, limitada em seu campo, parcial e pouco eficaz em seu poder.

Todas as interferências vindas de baixo, que possam falsificar a verdade da ação superior devem, primeiro, ser proibidas ou reduzidas à impotência, e isso deve ser feito por nossa livre escolha pessoal. Uma rejeição contínua e sempre repetida dos impulsos e das

falsidades da natureza inferior nos é pedida, e um apoio persistente a Verdade, à medida que cresce nas diferentes partes de nosso ser. Pois, para que a Luz, a Pureza, e o Poder que entram em nós e nos animam possam estabelecer-se de maneira progressiva em nossa natureza, subsistir e desenvolver-se até sua perfeição final, é preciso que rejeitemos com obstinação tudo que é contrário, inferior ou incompatível.

Devemos expelir como em uma catarse, tudo que não for a verdadeira Verdade do Divino. Uma total consagração de tudo o que somos, pensamos, sentimos e fazemos será o resultado dessa persistência.

No último período não há mais nenhum esforço, nenhum método estabelecido, nenhuma sadhana fixa; e o esforço e a *tapasya* dão lugar ao desabrochar espontâneo, simples e feliz da flor do Divino, o abrir-se do botão de uma Natureza terrestre purificada e aperfeiçoada.

A predominância dessa Guiança superior e divina que não nos é pessoal, indica que a natureza está cada vez mais madura para uma transformação espiritual total. É o sinal indiscutível de que a autoconsagração foi não só aceita, mas que se cumpriu em ato e em poder. O Supremo pôs sua mão luminosa sobre um receptáculo humano para manifestar sua Luz, seu Poder e sua Ananda miraculosos.